**A LUTA POR DIREITOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA SOCIEDADE:**

**O QUE TEMOS A APRENDER COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS?**

SOUZA, Cínthia Simão de 1

COSTA, Taisa Iara Almeida 2

RESUMO

O presente artigo versa sobre os movimentos sociais populares e sua capacidade de inovação interna e externa, em outras palavras, sobre o seu poder de gerar novos saberes e práticas, os quais podem ser percebidos tanto no seu interior quanto na sociedade de uma forma mais geral. Temos como objetivo analisar a função transformadora dos movimentos sociais, numa perspectiva promoção da igualdade e justiça social. Para isso realizaremos uma revisão bibliográfica e uma análise conjuntural dos fatos políticos do Brasil através de consulta a noticiários impressos, televisivos e digitais. Utilizamos o método materialista histórico-dialético, pois este nos permite, para além do desvelar da realidade, pensar numa ação de transformação social a partir da práxis humana. É perceptível que os movimentos sociais conseguem trazer mudanças importantes para a sociedade, como é o exemplo da conquista de direitos em diversos aspectos da vida. Ademais, tais organizações também criam novos modelos para as relações sociais, com significados e valores baseados no princípio da coletividade. Esses modelos, em alguns casos, ganham espaço fora dos movimentos levando, para sociedade em geral, a possibilidade de pensar e fazer um convívio com valores mais humanos.

PALAVRAS-CHAVE: DIREITOS; MOVIMENTOS SOCIAIS; TRANSFORMAÇÃO

SOCIAL.

A sociabilidade da qual fazemos parte apresenta-se regida pelo sistema

capitalista. Tal sistema, nos termos de Mészáros (2002), “se (re)produz disseminando

contradições e antagonismos na totalidade das dimensões a compor a vida social”.

Dentre essas contradições temos relações sociais determinadas pelo seguinte panorama:

de um lado existe uma minoria detentora dos meios de produção fundamentais para a

implementação do processo produtivo e a apropriação da mais-valia proveniente da

1 Bacharel em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Especialista em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: cinthiasimaosouza@hotmail.com.

2 Bacharel em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: taisa\_iara@hotmail.com.

Eixo: Educação popular, movimentos sociais e educação do campo

super exploração da força de trabalho. Do outro lado conforma-se uma maioria de sujeitos que, despossuídos desses meios, necessitam vender a sua força de trabalho, obtendo, sob a forma de salário, um retorno incoerente ao esforço realizado na produção social. Nas palavras de Marx:

Ao modo de produção capitalista corresponde essencialmente uma relação social entre duas classes. Destas, uma, a burguesia, por ter o monopólio dos meios de produção e do dinheiro, explora a outra, a classe trabalhadora, que não é proprietária de nada exceto a sua “força de trabalho” que se vê forçada a vender (MARX, 1998, p. 67).

É, pois, oriundo dessa contradição e acrescido do movimento de indignação a partir da realidade dinâmica e desigual vivenciada nesse modelo social de produção que surgem os movimentos sociais. Estes, em sua diversidade, fundamentados em valores e princípios de igualdade, justiça social e liberdade humana, pautam suas lutas e ações em defesa da classe trabalhadora – sendo esta, a base de sua constituição – e contra toda e qualquer forma de opressão e exploração.

No Brasil, os movimentos sociais, a partir de suas organizações políticas, se manifestam com maior efervescência a partir dos anos 1960 e se destacam no cenário político entre 1970 e 1980 mediante o contexto de retrocessos e repressões causados pela ditadura militar brasileira, sob a influência da resistência de movimentos sociais da América Latina, que sofria processos ditatoriais semelhantes. É, então, nesse processo de luta por justiça e liberdade que a perseguição, repressão e tortura contra os movimentos sociais e os sujeitos que os integram vem como resposta ostensiva do governo militar. Entretanto, foram e continuam a ser, os movimentos sociais de esquerda os principais atores das lutas travadas em defesa da classe trabalhadora e que com elementos como organização, mobilização e pressão popular tem avançado na conquista de direitos fundamentais para essa classe.

Ainda que os movimentos populares tenham protagonizado as lutas por direitos e agregado conquistas nesse setor, estes ainda sofrem, cotidianamente, com a criminalização e perseguição de seus militantes e grupos políticos, seja pela mídia, pela força coerciva da polícia ou pelo próprio Estado, reproduzindo uma imagem negativa destes movimentos e contribuindo com o processo de alienação da população, o que infere diretamente na organização popular e, consequentemente, nas diversas lutas e

avanços nos direitos sociais que se fazem necessárias em tempo de barbárie. A deslegitimação e criminalização bloqueiam o repasse de conhecimento sobre a capacidade inovadora dos movimentos sociais. Fica, no imaginário das pessoas, o ideal de que estes são compostos por sujeitos “desocupados e baderneiros”. É preciso acabar com essa falsa impressão e fazer com que se saiba das conquistas possibilitadas por intermédio das ações e mobilizações dos grupos populares organizados politicamente.

A ação dos movimentos sociais populares tem um importante papel na sociedade, pois para além de atuarem na busca da efetivação e expansão dos direitos visualizando a transformação social os mesmos promovem, ainda neste modelo de sociabilidade, o surgimento de práticas e valores diferenciados, baseados no respeito à coletividade, demonstrando um exemplo da sociedade que almejam construir.

Em muitos movimentos as relações entre os participantes são erigidas sobre os princícipios da igualdade, da solidariedade e tantos outros opostos aos princípios derivados do individualismo predominante na atualidade. Sobre esse aspecto dos movimentos sociais Gohn (2011, p. 336) nos fala que

“Eles expressam energias de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberte. Energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em fazeres positivos”.

Um notório trabalho que tomou forma no meio popular e que nos convida a pensar novas práticas sociais foi o método de alfabetização de Paulo Freire, o qual é expressão de destaque quando nos referimos à transformação social numa perspectiva de superação das injustiças. Isso porque tal método não preocupa-se com, apenas, promover o aprendizado da leitura e escrita, mas também com o desenvolvimento crítico dos sujeitos por intermédio desse aprendizado. Em outras palavras a alfabetização, na visão freireana, era tida como um elemento que tanto pode abrir como fechar horizontes. Quando fazemos um recorte classista percebemos que esta, quando ausente, se configurava como um entrave para a emancipação das camadas populares ou mesmo quando havia a possibilidade de acesso o processo de ensino aprendizagem se dava de uma forma que convergia para que a população menos abastada continuasse em sua condição de oprimida.

Os diversos movimentos existentes no Brasil, pela saúde, por educação, pela mobilidade urbana, por terra, por habitação, pelos direitos das mulheres, contra o preconceito, racismo e entre outros, têm muito a nos dizer e ensinar sobre a realidade que vivencial cotidianamente. São eles que podem nos oferecer um significativo diagnóstico sobre os conflitos gerados por questões de classe, cor e gênero e contribuir com o avanço na superação das opressões causadas por estes. Estamos vivenciando a destruição de direitos conquistados com muita dificuldade a partir da luta social, assim como vivemos um bloqueio para o avanço dos mesmos. É preciso que os profissionais que atuam nessa área e pessoas alinhadas com o sentimento de uma sociedade mais justa se disponham a ouvir os sujeitos oprimidos e a participar do processo de reversão desse cenário adverso para as camadas populares. Os movimentos sociais têm um papel pedagógico que nos orienta na construção de uma sociedade mais humana, só é preciso que estejamos abertos a aprender o que os mesmos têm a ensinar.

REFERÊNCIAS

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *In*: **Revista** **brasileira de educação**. v. 16. n. 47. Maio-ago, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **O Manifesto do Partido Comunista**. Tradução Maria Lúcia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.